

## AMERICANAH: DO SER NIGERIANA NA AMÉRICA

### Rosane Duarte Rosa Seluchinesk

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)  
rosane.rosa@unemat.br

**Adriano Castorino**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
adrianocastorino@mail.uft.edu.br

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Um livro que fala de uma história, outra história e muitas histórias, são artifícios para delinear a trajetória de jovens nigerianos para além das fronteiras do seu país. A vida das personagens Ifem e Obinze é feita em um percurso que envolve suas famílias, amigos, a Nigéria e depois o mundo, tudo isso envolto em vivências que denotam a existência de um preconceito que só existe à medida que saímos de um espaço circunscrito a nossa existência, o local de nascimento.

Assim, a opção de iniciar o livro pelo momento em que se prepara para retornar à Nigéria, depois de ter conquistado um espaço na América, traz para Ifemelu a possibilidade de, entre tranças e memórias, reconstruir toda a sua trajetória passando pelas lutas e sonhos que permanecem no corpo de uma mulher que viveu entre dois mundos e conheceu os sabores e dissabores dessa dicotomia.

A Nigéria da infância e juventude era feita de dificuldades financeiras da família e do estado que ao mesmo tempo que recolhia, também afastava para outros espaços, as pessoas que por suas condições financeiras ou políticas fossem impelidas a partir. Errantes por motivos diferentes, é assim que Ifem vai para os Estados Unidos com o qual não demonstrava afinidades e tem por companhia a sua tia que já não podia também permanecer na sua terra de origem.

Esta jovem que traz na bagagem os sonhos do seu amor de adolescência e a possibilidade de um reencontro descobre que precisa trabalhar para sobreviver numa terra de desiguais em que seu companheiro jamais chegará por conta de uma tragédia que mesmo sendo distante dos dois atinge o mundo todo. O tão famoso e trágico 11 de setembro de 2001.

Em terras norte americanas Ifem aprende que existe preconceito e que este determina o quê e quem pode fazer as coisas. Que até mesmo uma bolsa ou vaga para estudar ou trabalhar é dada para as pessoas não porque reconheçam o seu direito, mas porque em certa medida é uma forma de realizar caridade com quem consideram sempre inferior. Uma dolorosa descoberta de que ao colocar os pés no espaço entendido e demarcado como do outro, a identidade que nos sedimenta também nos rotula e como consequência precípua nos remete a uma divisão de classes reforçada por características físicas que determinam as condições sociais de acesso aos bens coletivos e, portanto, à vida.

Ifem tem relacionamentos com homens brancos e negros, mas no caso dos negros norte americanos ela também constata que estes se acham diferentes dos negros que nascem na Nigéria. Esta divisão segrega, torna a convivência difícil porque um desconhece o sentimento do outro. No momento em que isso se evidencia os rompimentos são inevitáveis. Neste cenário de rupturas e desconsideração pela pessoa, Ifemelu descobre que ser mulher também é algo desfavorável, porque o término da relação com seu primeiro companheiro se dá pelo fato de que ela teve uma relação sexual com outro homem. Nesta parte o livro contesta o entendimento que é compartilhado, em grande parte, pelas mulheres de que quando uma mulher se deita com um homem dá a ele o que ele quer. A personagem contesta essa ideia dizendo que não deu nada, mas sim pegou o que queria e por não ter nenhuma afinidade com a pessoa não estabeleceu nenhum vínculo. Inconcebível, por pressuposto, mesmo para um homem apaixonado, Curt a deixa e neste rompante demonstra que também existe uma distância abissal entre suas culturas e visões de mundo.

Com as bolsas de estudo e suas atividades como blogueira, Ifemelu invade o mundo da internet e ali começa a questionar com muitos elementos o racismo impregnado de modo geral nas pessoas, que veem na população negra seres inferiores e que por isso devem ocupar subempregos

e ter uma vida dependente dos brancos. Uma espécie de escravidão que não sai das mentalidades ainda que as tenham abolido nos papéis. Assim, se fundamenta a frase por ela publicada de que “uma pessoa só descobre que é negro quando chega na América e vira negro...Porque é assim que vão chamá-lo. Não vão dizer: - Ei você de Trinidad, ou da Nigéria. Vão dizer: Ei você negro. Porque eles consideram que ser negro é o último degrau da escada de raças americanas. Além disso denunciam que um negro reclamar pode ser acusado de racismo, “porque se admite que nos Estados Unidos, o racismo existe, mas os racistas não. Eles são descritos como pessoas do passado (p.34).

Já na América do Sul, o racismo é amenizado com a desculpa de que somos todos descendentes, entretanto é um desafio ver pessoas negras na universidade e outros espaços da elite, “ninguém que estava nos restaurantes e hotéis caros se pareciam comigo” (p.359) destaca Ifemelu em seu blog sobre uma viagem ao Brasil.

O blog de Ifemelu é um sucesso, ela possui bolsa de mestrado e sua vida norte americana está bem, mas ela decide voltar para casa, para sua história e reencontrar-se consigo mesma. Ela vai em busca de um sonho que ficara na moça que deixou de escrever para Obinze quando sentiu a impossibilidade da vida dos dois serem de novo a do encontro sem teto ou sem chão.

Do outro lado da história, a condição dada a Obinze é uma entrada ilegal na Inglaterra o que denota também a urgência promovida pela necessidade de se construir uma vida para além das fronteiras. Como estrangeiro ilegal a vida não é fácil, mais difícil ainda se torna quando os outros o classificam como negro. O estereótipo em ser africano, pobre e negro é violento e cada atitude mediada por este estigma direciona para a exclusão social rigorosa como no caso da extradição de estrangeiros ilegais.

Estabelecido na Nigéria, Obinze agora casado e com uma filha começa a escrever para Ifem que não o responde prontamente e quando o faz marca seu discurso por uma amizade da juventude, mas os termos ainda são os mesmos da intimidade que nasceu no olhar de quando eram ainda os jovens nigerianos.

Ao chegar em Lagos, ela retoma a sua vida pelo contato com a família e então depois de um tempo a urgência de rever Obinze a faz ligar para ele repentinamente e os dois se encontram, ambos com duas histórias imensas. Os primeiros contatos são marcados pela preocupação em não invadir o espaço do outro, mas os abraços, os olhares e principalmente as palavras os aproximam como se o tempo não houvesse existido.

Mas ainda havia muito a ser resolvido porque Ifemelu precisava sentir-se em casa e Obinze mesmo sabendo que se casará com a mulher que estava disponível quando estava na idade de se casar, trazia no coração a Ifem. Algum tempo depois quando tudo foi possível Obinze vai até a casa dela e então a moça nigeriana que agora é também uma mulher tão forte e decidida enfim pode dizer ao seu amado: pode entrar.

Mais do que uma história de amor visceral, a vida destas duas pessoas conectadas pelos sonhos são possibilidades de reflexão sobre as tantas viagens e caminhos que os homens e mulheres precisam percorrer ao longo da existência. Se este caminho é feito por pessoas que tem em sua origem áreas condenadas pela sociedade branca, ocidental e capitalista todas as pessoas que ali vivem serão marginalizadas. Neste épico romance se ressalta para além de uma crítica ao racismo como algo dado e cristalizado ainda nos dias de hoje. É fundamentalmente uma crítica social de bases sedimentadas no estranhamento e na desconsideração do que não se encaixa nos padrões sociais, não pela sua condição de existência, mas pelo valor monetário como um valor em si, assim, nos moldes sociais do mundo ocidental a vida não vale senão as moedas que se guardam para um futuro incerto.